

USO E ABUSO DE DROGAS PSICOTRÓPICAS NO BRASIL

Use and abuse psychotropic drugs in Brazil

José Carlos Fernandes Galduróz

Médico psiquiatra, doutor em Ciências pelo Departamento de Psicobiologia da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e pesquisador do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID)

"Parece improvável que a humanidade em geral seja algum dia capaz de dispensar os 'Paraísos Artificiais', isto é, ... a busca de autotranscendência através das drogas ou ... umas férias químicas de si mesmo ... A maioria dos homens e mulheres levam vidas tão dolorosas - ou tão monótonas, pobres e limitadas, que a tentação de transcender a si mesmos, ainda que por alguns momentos, é e sempre foi um dos principais apetites da alma."

Aldous Huxley

RESUMO: *O autor descreve os estudos realizados pelo CEBRID sobre o consumo de drogas psicotrópicas no país, comentando os principais resultados, com especial ênfase nas pesquisas entre estudantes e o 1º levantamento domiciliar feito no Estado de São Paulo.*

ABSTRACT: *The author describes the studies performed by CEBRID on the drugs consumption in the country, commenting the main results, with emphasis in the surveys among students and the 1st household survey in São Paulo's State.*

PALAVRAS-CHAVE: *indicadores epidemiológicos, drogas psicotrópicas, abuso, estudantes.*

KEY WORDS: *epidemiological indicators, psychotropic drugs, abuse, students.*

Para se avaliar a situação do consumo de drogas do país, são utilizadas diferentes abordagens: pesquisas populacionais (entre estudantes e meninos em situação de rua), indicadores do consumo (internações provocadas por drogas, apreensões pela polícia, etc.) e estudos etnográficos (pesquisa qualitativa). Cada um dos parâmetros analisados é essencial para a avaliação do todo, podendo, inclusive, haver resultados contrastantes. Assim, a droga mais consumida nem sempre é a responsável pelo maior número de internações ou mortes (Carlini-Cotrim, 1991).

Estudos nacionais realizados entre estudantes brasileiros nos anos de 1987, 1989, 1993 e 1997 indicaram as drogas lícitas como as mais consumidas. Em primeiro lugar aparece o álcool, seguido pelo tabaco; os inalantes em 3º lugar, seguidos pela maconha, ansiolíticos e anfetaminas (Galduróz et al., 1997). Tais estudos têm indicado a semelhança do perfil brasileiro quando comparado com outros países, exceto os Estados Unidos onde o consumo é muito maior (Carlini-Cotrim, 1991). Por outro lado, entre meninos(as) em situação de rua, o perfil de consumo se mostra diferenciado. O consumo de drogas nesta população é extremamente elevado e muito superior aos valores observados entre estudantes. Os inalantes e a maconha são as drogas mais consumidas entre os meninos em situação de rua, seguidas pela cocaína nas capitais do Sudeste do país e pelos medicamentos psicotrópicos nas capitais nordestinas (Noto et al., 1998).

Quanto aos indicadores do consumo, as internações por cocaína vêm aumentando a partir de 1987, ocupando, nos últimos anos, o primeiro lugar entre as drogas, exceto álcool, posto este ocupado pela maconha até o ano de 1991 (Carlini et al., 1993; Noto & Carlini, 1995). Ao serem analisadas as apreensões pela Polícia Federal no período 1980/1995, verificou-se que, enquanto as apreensões de maconha diminuíram a partir de 1987, as de cocaína aumentaram consideravelmente. Embora as quantidades de drogas apreendidas tenham sido grandes, os números de inquéritos e indiciamentos foram pequenos quando comparados com outros países (Galduróz et al., 1994). As diferenças de padrão de consumo entre homens e mulheres também merecem destaque. Enquanto entre os homens predomina o uso de drogas ilícitas (maconha e cocaína), entre as mulheres o consumo de medicamentos psicotrópicos é superior (ansiolíticos, anfetaminas, etc.). Quando analisado o consumo de álcool e tabaco, observa-se que são as drogas de maior consumo entre estudantes e meninos em situação de rua, sendo o álcool responsável por mais de 95% das internações hospitalares provocadas por drogas. Assim, apesar de não receberem a devida atenção, estas são as drogas mais consumidas e as que trazem os maiores prejuízos à população.

Mais recentemente o CEBRID realizou uma pesquisa domiciliar sobre o consumo de drogas nas 24 maiores cidades do Estado de São Paulo (foram incluídas todas as cidades com mais de 200 mil habitantes). As principais conclusões do estudo foram:

1. O *uso na vida* de qualquer droga psicotrópica, exceto álcool e tabaco, foi de 11,6%, porcentagem próxima ao Chile, superior à Colômbia e muito inferior aos EUA (34,8%). Os resultados globais das 24 cidades pesquisadas mostram que o Estado de São Paulo tem perfil que se aproxima mais aos países em desenvolvimento, distanciando-se bastante dos países de 1º mundo como os da Europa ou o EUA, no que diz respeito ao uso de drogas psicotrópicas.
2. O álcool e o tabaco foram as drogas com maiores prevalências de *uso na vida*, com 53,2% e 39,0%, respectivamente. Quanto às estimativas de dependentes de álcool as porcentagens estiveram ao redor dos 6%, valores próximos aos observados em estudos de outros países. De qualquer forma, vale lembrar que essas drogas são legalizadas e que as campanhas de prevenção raramente abordam essa questão.
3. A maconha foi dentre as drogas ilícitas a que teve maior *uso na vida* (6,6%), porém com porcentagens muito inferiores ao observado por exemplo no Chile (16,6%), EUA (32,0%), Dinamarca (31,3%), Espanha (22,2%) e Reino Unido (22,0%). O uso no sexo masculino é maior do que no feminino, fato que deve ser levado em conta nos programas de prevenção.
4. A prevalência do *uso na vida* de cocaína no Estado de São Paulo (2,1%), está bem próxima ao de alguns países da América do Sul como Chile (2,5%) e Colômbia (1,6%), além de Holanda (2,4%) e Dinamarca (2,0%); é bem inferior à prevalência dos EUA (10,6%). Isto sugere que a implantação de programas preventivos copiados de outros países, sem se conhecer a realidade brasileira, tende ao fracasso.
5. Não houve nenhum relato do uso de heroína, ao contrário do que a mídia tem veiculado nos últimos tempos.
6. Detectou-se o uso de esteróides anabolizantes (0,6%), que embora em porcentagens muito pequenas pode ser um indicador importante, pois o culto ao corpo musculoso, não se importando como conseguiu-lo, tem crescido ultimamente.
7. A percepção da população quanto à facilidade em se conseguir certas drogas é surpreendentemente alta, como por exemplo 38,3% dos entrevistados acreditando ser fácil conseguir a heroína; 62,4% a cocaína e o LSD com 36,2%. Essas expressivas porcentagens devem fazer parte do imaginário

- popular criado pela mídia, pois os dados epidemiológicos não mostram dados elevados de consumo dessas drogas.
8. A percepção em relação ao tráfico de drogas apresentou porcentagens elevadas, já que cerca de 20% diz ter visto alguém vendendo ou procurando comprar drogas. Porém quando a questão diz respeito diretamente ao entrevistado como por exemplo ao ser perguntado se já tinha sido procurado por um traficante oferecendo-lhe drogas, apenas 3,6% do total respondeu afirmativamente. Essa contradição pode estar refletindo um receio de se comprometer diretamente com a questão do tráfico. Por outro lado as porcentagens quanto a observação de tráfico pode refletir uma visão ampliada e distorcida do fenômeno ou mesmo estar traduzindo a realidade, o que seria muito preocupante.
 9. Conclusões semelhantes à anterior podem ser tiradas quanto à percepção de ter visto alguém embriagado ou sob efeito de drogas, pois cerca de 50% da população respondeu afirmativamente a esta questão, ou seja, ou estamos diante de visões distorcidas ou a realidade está preocupante.
 10. Quase a totalidade da população considerou um risco grave o uso diário de qualquer das quatro drogas pesquisadas quanto a este aspecto (álcool, maconha, cocaína e "crack").
 11. Embora o IMC (Índice de Massa Corporal) tenha apenas sido obtido por relato dos entrevistados, somente uma pequena porcentagem apresenta IMC que justifique o uso de drogas anorexígenas. Portanto, o grande consumo dessas substâncias no Brasil, como vários trabalhos mostram, precisa ser revisto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARLINI, E.A.; NAPPO, S.; GALDURÓZ, J.C.F. - *A cocaína no Brasil ao longo dos últimos anos*. Revista ABP-APAL 15(4):121-127, 1993.
- CARLINI-COTRIM, B. - *O consumo de substâncias psicotrópicas por estudantes secundários: O Brasil frente à situação internacional*. Revista ABP-APAL 13(3): 112-116, 1991.
- GALDURÓZ, J.C.F.; FIGLIE, N.B.; CARLINI, E.A. - *Repressão às drogas no Brasil: a ponta do "iceberg"?* - Jornal Brasileiro de Psiquiatria 43(7): 367-71, 1994.
- GALDURÓZ, J.C.F.; NOTO, A.R.; CARLINI, E.A. - *IV Levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus em dez capitais brasileiras- 1997*. Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas - Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina: 1-130, 1997.
- GALDURÓZ, J.C.F.; NOTO, A.R.; NAPPO, S.A.; CARLINI, E.A. - *I Levantamento domiciliar nacional sobre o uso de drogas psicotrópicas. Parte A: estudo envolvendo as 24 maiores cidades do Estado de São Paulo, 1999*. Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas - Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina: 1-143, 2000.
- NOTO, A.R.; NAPPO, S.; GALDURÓZ, J.C.F.; MATTEI, R.; CARLINI, E.A. - *IV Levantamento sobre o uso de drogas entre meninos e meninas em situação de rua de cinco capitais brasileiras - 1997*. Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas - Depto. de Psicobiologia – Universidade Federal de São Paulo: 1-120, 1998.
- NOTO, A.R. & CARLINI, E.A. - *Internações hospitalares provocadas por drogas: uma análise de sete anos consecutivos*. Revista ABP-APAL, 17(3): 107-114, 1995.